

O ROMANCEIRO DOS AÇORES EM DUAS OBRAS RECENTES

J. J. Dias Marques*

Em 2002, foram publicadas duas obras de enorme importância para o conhecimento do romanceiro açoriano. Começarei por me referir ao *Romanceiro Tradicional das Ilhas dos Açores, I: Corvo e Flores*.¹ Este é o primeiro de um conjunto de volumes que dará a conhecer os romances recolhidos no arquipélago, em 1969-70, por Joanne B. Purcell, deixados inéditos na sua quase totalidade pela morte prematura desta investigadora norte-americana. Recorde-se que, nesses anos, Joanne Purcell, embora tenha feito trabalho de campo sobretudo nos Açores (onde permaneceu 18 meses), recolheu romances também no arquipélago da Madeira (durante 2 meses) e nalgumas regiões de Portugal Continental (5 meses), tendo gravado igualmente textos em Espanha.² Além disso, em 1967, Joanne Purcell já explorara a tradição da comunidade portuguesa da Califórnia, naquela que foi a primeira recolha do romanceiro português feita sistematicamente e com critérios modernos.³

A primeira tentativa de publicar a importantíssima colecção inédita de Joanne Purcell (mais de 1400 versões) deu-se em 1987, data em que saiu o I volume do *Novo Romanceiro Português das Ilhas Atlânticas*.⁴ Esta obra, como o título indica, pretendia publicar os textos recolhidos nos Açores e na Madeira pela investigadora norte-americana. Infelizmente, o I volume (que reúne os romances épicos, históricos, carolíngios e quatro dos novelescos) não teve sequência, devido, segundo julgo, a problemas financeiros.

Os anos foram passando, e só em 2002, 33 anos depois do início da recolha, foi possível retomar a publicação do espólio de Joanne Purcell. Devido ao tipo de financiamento obtido (proveniente sobretudo do Governo Regional dos Açores), os organizadores decidiram não continuar a publicação iniciada em 1987, optando por publicar uma obra dedicada exclusivamente aos romances recolhidos no arquipélago açoriano.

É desta obra que saiu agora o I volume, o qual se inicia com um “Prefácio” dos organizadores (pp. 9-12), onde se apresenta um resumo das actividades colectoras de Joanne Purcell e os critérios de organização da obra. Segue-se (pp. 13-37) uma introdução da autoria da própria colectora, que constitui a republicação (com pequenas mudanças, nomeadamente actualizações bibliográficas) de um artigo que Joanne Purcell publicara, em 1970, na revista angrense *Atlântida*.

Neste texto, repleto de dados importantes, a autora fala do modo como levou a cabo a recolha, enunciando vários dos lugares em que esteve, falando dos informantes, dos géneros literários orais que recolheu, da sua funcionalidade, do estado da tradição. Centra-se depois no romanceiro, de que enumera os vários subgéneros representados na sua colecção, citando, de cada um, vários romances. Por fim, oferece várias observações importantes, como, por exemplo, as denominações locais que os informantes usavam para designar os romances ou a existência de livros e discos que, segundo ela própria pôde verificar, influenciaram a tradição oral.

Tendo em conta a época em que a tarefa foi levada a cabo e as deficientes infra-estruturas então existentes nas zonas rurais de qualquer região de Portugal (e mais ainda das ilhas), para além do facto de Joanne Purcell ser estrangeira, surpreende sem dúvida o empenho com que, durante onze meses, ela percorreu as nove ilhas do arquipélago e, dentro de cada uma, a imensa maioria das povoações, numa recolha sistemática que, até hoje, tem muito poucos paralelos em qualquer parte do mundo pan-ibérico. A seguinte transcrição dará uma ideia do tipo de problemas que a autora teve de enfrentar:

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. F. C. H. S. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000-117 Faro. Portugal.

¹ Joanne B. Purcell, *Romanceiro Tradicional das Ilhas dos Açores, I: Corvo e Flores*, organização de Samuel G. Armistead, Cristina Carinhas, Pere Ferré e Manuel da Costa Fontes, com a colaboração de Karen L. Olson, estudo preliminar de Joanne B. Purcell, transcrições musicais de Israel J. Katz, Angra do Heroísmo, Direcção Regional da Cultura / Lisboa, Instituto de Estudos sobre o Romanceiro Velho e Tradicional, 2002, 247 pp.

² Em 1990 ou 91, consultei um numeroso conjunto de fitas magnéticas que se guarda no Arquivo Menéndez Pidal, Madrid, e constitui uma cópia da recolha de Joanne Purcell. Verifiquei então algo que, ao que julgo saber, nunca foi assinalado pela crítica, a começar pela própria colectora: a última (nº 195) das fitas magnéticas da recolha foi gravada em Cervera, província de Lleida, na Catalunha. Sei que, há anos, o estudioso do romanceiro catalão Salvador Rebés (a quem falei da existência dessa pequena colecção catalã) ouviu tais gravações numa das suas deslocações ao Arquivo Menéndez Pidal, mas não tenho conhecimento de que esses textos tenham sido transcritos e publicados.

³ Esta recolha forma a base da sua tese de mestrado (*Portuguese Traditional Ballads from California*, Los Angeles, University of California, 1968), onde se incluem 61 versões de 24 romances.

⁴ Joanne B. Purcell, *Novo Romanceiro Português das Ilhas Atlânticas, I*, organização de Isabel Rodríguez-García, com a colaboração de João A. das Pedras Saramago, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1987.

A minha recolha foi feita por meio de gravações. Ia sempre preparada com duas máquinas Uher 4400 Report Stereo de quatro velocidades e com uma bateria seca. Para certos lugares mais isolados, sem electricidade, cheguei a precaver-me com quatro baterias. Cada uma dava para oito horas de gravação. Na Caldeira de Santo Cristo (S. Jorge), que me pareceu o lugar mais isolado de todas as ilhas, gastei toda a reserva de baterias. Não havia estradas nem para jipe, nem acesso por barco. O reduzido número de barcos de pesca só podia ser usado com mar calmo. Mesmo quando fazia bom tempo, alguns rapazes tinham que acarretar farinha e outros víveres para pôr à venda. Fora disso, a comunidade raramente tinha contacto com o resto da ilha devido à altura da rocha, à distância, e à falta de meios de transporte (pp. 31-2).

O material conseguido por Joanne Purcell ascende a mais de 2900 textos, dos quais cerca de 1000 são versões de cerca de 70 romances (p. 16). Além do romanceiro, Joanne Purcell recolheu também numerosas canções narrativas, nomeadamente originárias de folhetos de cordel (p. 18), adivinhas, provérbios, rimas infantis, cancionero, lendas, fragmentos de teatro popular e contos (p. 19). Destes últimos, a colecção contém cerca de 500 textos, parecendo ser aquele o género a que, depois do romanceiro, Joanne Purcell deu mais atenção. Nesse campo encontrou alguns informantes de excepcional qualidade, nomeadamente um de Santa Maria, de quem gravou 82 contos (p. 16). De sublinhar que vários desses informantes eram narradores verdadeiramente activos. Vivendo numa época e num meio em que a recitação de contos era ainda “um passatempo favorito” (p. 17), possuíam um extenso reportório e uma grande expressividade na actuação,

emprega[ndo] com perfeição um grande número de gestos que animavam a acção e imprimiam emoção às histórias que narravam. Chegavam ao ponto de utilizar uma mesa, uma cadeira ou qualquer outra peça de mobília para ajudar a recriar e reviver os contos tal como lhes haviam sido contados pelos antigos “daquele tempo” (p. 17).

E Joanne Purcell acrescenta: “Documentei este facto com uma grande quantidade de fotografias que registam os gestos e movimentos mais significativos de cada contista. Trata-se de uma espécie de teatro” (p. 17). Esperemos, claro, que tais fotografias se não tenham perdido.

Além da recolha de textos orais, Joanne Purcell conseguiu ainda “folhetos ou cadernos manuscritos com provérbios, poemas de cordel, rimas sobre acontecimentos locais, romances tradicionais, versos líricos, cantigas de baile e peças de teatro popular” (p. 20).⁵

Como atrás disse, a última parte da introdução de Joanne Purcell é dedicada ao romanceiro, contendo referências a muitos dos romances recolhidos. Entre os vários textos que ali são mencionados e que não se publicam neste I vol. (nem na obra de 1987), poderia destacar-se “o raríssimo romance da *Filha Desterrada (D. Maria)*” (p. 24), “a única [versão] dos Açores” do *Parto em Terras Longínquas* (p. 25), “uma dança de Carnaval [...] criada com base no romance” *Veneno de Moriana* (p. 27), e “um baile de roda” em que se conserva o romance do *Falso Cego* (p. 27). Além disso, “no Faial, temos a interessante ‘Canção do Prisioneiro’, uma tradução da balada inglesa ‘The Prisoner’s Song’, que foi divulgada graças à interpretação de Manuel Carvalho, num disco gravado na Nova Inglaterra em princípios do século”, de que Joanne Purcell já gravara uma versão (originária do Pico) entre os emigrantes portugueses da Califórnia (p. 23).

À introdução, seguem-se os romances, num total de 28, com 92 versões (8 do Corvo e 84 das Flores). De entre eles, destacam-se pela raridade *Floresvento*, *Batalha de Lepanto*, *D. Pedro Pequenino* e *Bodas de Sangue*. Entre os textos incluem-se também as versões procedentes destas ilhas já publicadas no *Novo Romanceiro Português das Ilhas Atlânticas*, de 1987, depois de “sujeitas a uma nova audição e transcrição” (p. 11).

Os textos são complementados com a transcrição da música de 29 versões, feita pelo conhecido etnomusicólogo Israel J. Katz (pp. 139-150).

Seguem-se (pp. 153-186) as “Notas”, em que, para cada um dos romances publicados, se indica a distribuição geográfica que ele apresenta no mundo pan-ibérico e se fornecem outros dados importantes (por exemplo, o que se sabe da sua origem e quais os estudos que sobre ele se escreveram), terminando-se com uma bibliografia que indica as versões que desse romance existem em numerosas colectâneas respeitantes à tradição portuguesa (continental e insular) e às tradições do Brasil, Espanha (enunciam-se separadamente as subtradições galega, asturiana, castelhana, catalã, valenciana, canária, e dos Ciganos andaluzes), Sefarditas e América hispanófono. Fornecem-se ainda as atestações relativas à tradição antiga (versões publicadas em romanceiros ou citação de versos em documentos vários, por exemplo em livros de hinos hebraicos) e as

⁵ Deste conjunto de impressos e manuscritos foram dadas a conhecer, há anos, três versões de romances: Samuel G. Armistead e Manuel da Costa Fontes, “Three Azorean Ballads from the MSS of Joanne B. Purcell”, *La Corónica*, XXII, 2 (1993-94), pp. 52-60.

correspondências que o romance em causa apresenta na baladística das tradições europeias extra-ibéricas. As obras necessárias para elaborar estas “Notas” ascendem a nada menos que 148 (cf. bibliografia, pp. 191-204).

No fim do volume, apresentam-se cinco listas de correspondências entre a classificação dos romances adoptada nesta obra e a classificação proposta pelos catálogos português (Fontes), galego (Ana Valenciano), asturiano (Juan Busto), sefardita (Armistead) e pan-ibérico (*Índice general del romancero*). Seguem-se seis índices e um glossário. A obra inclui ainda duas fotografias de informantes e uma da própria colectora, e dois mapas: um dos Açores e outro das ilhas do Grupo Ocidental (Flores e Corvo). Neste último estão assinaladas as localidades onde foi feita a recolha.

Para terminar, gostaria de dizer que, segundo me informaram Manuel da Costa Fontes e Pere Ferré, uma boa parte do resto da colecção romancística açoriana de Joanne Purcell está já transcrita, não devendo tardar muito a saída de mais um volume da obra, este dedicado às ilhas do Faial e Pico.

Esperemos que, do mesmo modo, não venha longe a publicação dos romances gravados por Joanne Purcell em Portugal Continental e no arquipélago da Madeira, assim como dos textos pertencentes a outros géneros orais integrados na sua recolha. Quanto a este último aspecto, posso revelar que a numerosa colecção de contos por ela recolhida nos Açores está, neste momento, a ser transcrita no Centro de Estudos Ataíde Oliveira (Universidade do Algarve), esperando-se que possa vir a ser objecto duma edição em livro, amplamente justificada pela sua variedade e riqueza.

Debrucemo-nos agora sobre os *Subsídios para a História do Romancero dos Açores*, de Teresa Araújo.⁶ Publicados no mesmo ano da obra de Joanne Purcell (cujo formato e *design* da capa, aliás, seguem), estes *Subsídios* proporcionam uma espécie de contextualização aprofundada à obra da investigadora norte-americana, ao traçarem, como o título indica, um panorama da História do romancero açoriano.

A obra divide-se em seis capítulos, em que Teresa Araújo vai traçando um pormenorizado panorama cronológico da recolha e estudo do romancero do arquipélago dos Açores. O cap. I é dedicado a Garrett e sua recolha na Terceira, em 1832; o cap. II, às importantes recolhas de Teixeira Soares de Sousa em São Jorge, com base nas quais Braga organizou os *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* (1869); o cap. III, aos autores que, no seguimento dos *Cantos*, se dedicaram também a recolhas nos Açores; o cap. IV, ao lugar que o romancero açoriano apresenta na obra de Teófilo Braga posterior aos *Cantos*; o cap. V, às recolhas levadas a cabo no séc. XX, sobretudo à nova fase marcada pelas investigações de Joanne Purcell e Costa Fontes; o cap. VI (e último), às reedições de textos açorianos publicadas em finais do séc. XX e inícios de XXI (nomeadamente no *Romancero Português da Tradição Oral Moderna*, de Pere Ferré) e à presença desta tradição no catálogo de Costa Fontes e na bibliografia elaborada por Pere Ferré e Cristina Carinhas.

Além de traçar uma História da recolha e estudo do romancero nos Açores, Teresa Araújo teve, paralelamente, a preocupação de ir mostrando como as referidas investigações se ligam às do romancero português em geral, sublinhando a importância e, muitas vezes, a prioridade que elas apresentam no contexto nacional e mesmo no pan-ibérico. O primeiro aspecto parece-me muito bem abordado pela autora, que, com esta obra, nos proporciona um amplo e utilíssimo panorama. Porém, o segundo aspecto (o da importância dessas investigações) dir-se-ia, por vezes, um tanto inflacionado por Teresa Araújo, que, seduzida pelo assunto que aborda, tenta mostrar que o romancero açoriano desempenhou um papel importante em *todas* as etapas da História do romancero português.

A meu ver, são dois os capítulos em que se sente mais a sobreavaliação do papel da vertente açoriana. Em primeiro lugar, o cap. I, dedicado, como atrás disse, a Almeida Garrett e suas relações romancísticas com o arquipélago. Neste capítulo, Teresa Araújo começa por transcrever uma passagem do *Romancero* (I vol., 1843), em que o autor, falando da sua estadia na Terceira, em 1832, escreve:

umas criadas velhas de minha mãe e uma mulata brasileira de minha irman appareceram sabendo varios romances que eu não tinha, e muitas variadas licções de outros que eu sim tinha, porém mais incompletos. Assim se additou copiosamente o meu *Romancero* (cit. na p. 9).

Analisando com muita atenção esta curta passagem (a única em que Garrett falou da recolha feita na Terceira), Teresa Araújo consegue daí extrair várias interessantes conclusões. Duas delas,

⁶ Teresa Araújo, *Subsídios para a História do Romancero dos Açores*, Angra do Heroísmo, Direcção Regional da Cultura / Lisboa, Instituto de Estudos sobre o Romancero Velho e Tradicional, 2002, 161 pp.

no entanto, talvez devessem ser um pouco mais cautelosas. Refiro-me, em primeiro lugar, ao ponto em que a autora, recordando as palavras de Garrett sobre a novidade das versões que recolheu na Terceira (as criadas “apareceram sabendo varios romances que eu não tinha” [na minha colecção anterior]), escreve:

a sua sensibilidade à identificação de novos temas fica bem demonstrada no último excerto transcrito e esta intuição adquire especial relevância se considerarmos a época em que se esboçavam estes estudos na Europa. Os romances ainda eram pouco conhecidos e a sua identificação dava os primeiros passos (p. 16).

Embora seja um facto que, na época (e mesmo bem mais tarde, como se observa ainda no *Romanceiro Geral Português*, 1906-09, de Braga), havia muitos problemas em destringer certos romances uns dos outros e, conseqüentemente, em determinar qual o romance a que pertencia determinada versão, a verdade é que esses problemas não se verificavam em todos os romances. Por outro lado, uma vez que Garrett não dá exemplos concretos, é impossível saber se os textos por si recolhidos na Terceira eram, de facto, como ele escreve, “romances que [ele] não tinha” antes, ou se o autor estava errado, e confundia versão diferente com romance diferente.

Em segundo lugar, referirei uma passagem em que Teresa Araújo, tendo sempre em atenção a citada passagem de Garrett sobre a sua recolha na Terceira, fala das conseqüências que tal recolha teve para a formação das ideias dele sobre as características da tradição oral moderna:

Considera Garrett serem algumas das versões açorianas “mais incompletas”, comparando-as às continentais, lamentando, assim, os limites da memória e aludindo, no contexto desta tradição, a um dos contornos do problema romântico [...] da corrupção, a supressão de elementos.

À medida que reunia as composições tradicionais e conhecia a tradição antiga impressa, [Garrett] foi construindo a ideia do seu estado de decadência justificado pela ignorância e rudeza do povo, transmissor secular dessas baladas. Formulava, assim, fundamentado no seu trabalho de comparação textual, o postulado da corrupção sistemática dos romances [...]. [...]

Portanto, também a nível da elaboração teórica, as baladas açorianas ouvidas por Garrett foram profícuas (pp. 19 e 20).

Independentemente de quais eram as versões a que Garrett atribuía o estatuto de “mais incompletas”,⁷ é indiscutível que, como afirma Teresa Araújo, o visconde encontrou, em 1832, na ilha Terceira, razões para apoiar o seu “postulado da corrupção sistemática dos romances”. Porém, Garrett não chegou a esta ideia ao contactar com a tradição açoriana. Pelo contrário, já pensava assim desde, pelo menos, 1828, como atestam algumas frases que escreveu na introdução da *Adozinda*.⁸ Portanto, é possível que, em 1832, “a nível da elaboração teórica”, as versões açorianas não tenham sido especialmente “profícuas”, pelo menos mais profícuas do que as versões que Garrett lera vários anos antes, na recolha realizada por uma sua amiga, em Lisboa, em 1823, recolha que, como se sabe, está na base da *Adozinda* e do que na sua introdução Garrett escreveu.

O segundo capítulo em que talvez se sublinhe excessivamente a importância do papel do romancista açoriano no âmbito nacional é o cap. IV (“A Tradição Açoriana na Obra de Teófilo Braga, Organizador dos *Cantos* do Arquipélago”). Trata-se, aliás, do capítulo mais extenso da obra e

⁷ Penso que há um lapso na primeira das frases de Teresa Araújo atrás citadas (“Considera Garrett serem algumas das versões açorianas ‘mais incompletas’, comparando-as às continentais”). Na verdade, a frase de Garrett a que a autora se refere, frase essa que atrás transcrevi, julgo dever interpretar-se de modo diferente do que faz Teresa Araújo: além de romances novos (isto é, romances que Garrett ainda não ouvira), as criadas da Terceira sabiam também versões de outros romances que ele já tinha, só que as versões que ele tinha eram mais incompletas do que as versões ouvidas na Terceira às referidas criadas. À luz das ideias gerais de Garrett sobre o romancista (nomeadamente a pouca importância que ele dava à variação, a não ser que as versões conhecidas em segundo lugar fossem melhores e/ou mais completas do que as primeiras que ele já tinha), penso que, só se interpretarmos a expressão “mais incompletas” como referindo-se às versões continentais que ele antes possuía, se entenderá que Garrett tivesse decidido, como decidiu, recolher as versões açorianas. Repare-se ainda que aquilo que Garrett escreveu (e Teresa Araújo, aliás, correctamente transcrevera anteriormente na p. 9) foi “muito incompletos” (referindo-se aos “*outros [romances]* que eu sim tinha”) e não “muito incompletas” (referindo-se às “*variadas licções*” das criadas da Terceira), como Teresa Araújo agora transcreve na p. 19.

⁸ O exemplo mais eloquente parece-me o seguinte: “Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia barbara, que a grande custo se arrancou á ignorancia e acanhamento de *amas-seccas* e *cuzinheiras* velhas, hoje principaes depositarias d’ este genero da archeologia nacional, —galantes cofres, em que para descubrir alguma coisa é necessario esgravatar como o pullus gallinaceus de Phedro,— alguma coisa se pôde obter informe, e mutilada pela rudeza das mãos e memorias por onde passou” (*Adozinda. Romance*, Londres, Em Casa de Boosey & Son e de V. Salva, 1828, pp. xxiv-v).

daquele em que, baseando-se na sua importante tese de doutoramento,⁹ Teresa Araújo apresenta numerosos dados sobre as teorias de Braga sobre o romanceiro, novos em letra de imprensa.

Depois de algumas páginas (pp. 53-9) em que enuncia alguns aspectos dos *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* (1869), a primeira colecção regional de romances (não só a nível português mas também pan-ibérico), Teresa Araújo apresenta (p. 59) o postulado principal deste capítulo: as teorias enunciadas por Braga nas “notas” que escreveu para os *Cantos* “afiguraram-se-lhe, em grande parte, definitivas até ao final da sua obra”, pelo que, em 1909, 40 anos depois, incluiu “significativos trechos” dessas “notas” nos comentários que escreveu para o III vol. do *Romanceiro Geral Português*. Como a obra de 1909 constitui o corolário da teorização de Braga sobre o romanceiro, tal repetição de ideias (repetição mesmo do ponto de vista textual) mostraria que as conclusões a que o autor chegara ao escrever sobre os *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* acabaram por guiar toda a sua reflexão posterior sobre o romanceiro, mesmo a nível nacional.

Ora, num dos capítulos mais interessantes e pioneiros da sua tese,¹⁰ Teresa Araújo mostrara que Braga, ao longo da sua obra, foi transcrevendo, de uns estudos para outros, partes do que antes tinha escrito, por vezes muito extensas (nalguns casos, várias páginas), sem de tal advertir o leitor. Assim, por exemplo, logo na *História da Poesia Popular Portuguesa* (1867) encontramos numerosos e longos empréstimos extraídos quase *ipsis verbis* dos artigos que ele publicara em 1865-66, na *Revista Contemporânea* e no *Jornal do Comércio*. E o mesmo tipo de transcrições se dá nas notas do III vol. do *Romanceiro* de 1909, onde, como Teresa Araújo prova na sua tese,¹¹ se republicam numerosos fragmentos de comentários extraídos do *Romanceiro Geral* (ed. de 1867), *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* (1869) e *Cantos Populares do Brasil* (1883). Portanto, pareceria que, de facto, Teresa Araújo tem razão quando, na obra que aqui resenhamos, escreve que o *Romanceiro Geral Português* (III vol., 1909) deve muitíssimo à colectânea de 1869 e, portanto, em última análise, àquilo que Braga aprendeu com o estudo das versões açorianas. No entanto, se analisarmos a extensa e surpreendente lista de empréstimos que Teresa Araújo, na sua tese, fornece,¹² chegamos à conclusão de que, no *Romanceiro* de 1909, existem, de facto, 23 passagens transcritas dos *Cantos*, mas que a obra de onde Braga extraiu mais passagens foi, de longe, o *Romanceiro* de 1867: 33 empréstimos. Portanto, teríamos de concluir que as teorias enunciadas em 1867 (ou seja, dois anos antes dos *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*, e, portanto, sem relação alguma com os Açores), são, afinal, as que mais vestígios deixaram na obra “definitiva” de 1909.

Se os capítulos sobre Garrett e Braga, pelos motivos que deixo expostos, me parecem, pois, sobrevalorizar a importância do papel das recolhas açorianas no âmbito português em geral, já os capítulos II e V, na minha opinião, acertam plenamente ao defenderem tal papel. Estes capítulos são dedicados aos vultos excepcionais de Teixeira Soares de Sousa (autor, entre cerca de 1854 e 1868, da primeira recolha de romances transcrita com respeito pelos textos, e que possuía, além disso, uma ideia surpreendentemente moderna sobre a essência da literatura oral, avaliando bem a importância de recolher o maior número possível de versões de um dado texto-tipo), Joanne Purcell e Manuel da Costa Fontes (ambos responsáveis pelo nascimento, no final da década de 1960 e inícios da de 1970, da época de ouro do romanceiro português, quer pelas suas recolhas sistemáticas e realizadas com todos os cuidados, quer pelo estudo rigoroso e aprofundado dos materiais). Nestes dois capítulos, Teresa Araújo oferece um panorama muito útil sobre tais autores e mostra que o trabalho que cada um deles levou a cabo quanto ao romanceiro açoriano (nas ilhas e/ou nas comunidades emigradas) teve, de facto, importantes consequências na maneira de encarar o romanceiro português em geral, a sua recolha e a sua publicação. E tendo em conta estes dois capítulos, qualquer leitor fará suas as palavras que Teresa Araújo escreve, ao concluir a obra:

podemos [...] finalizar esta resenha reconhecendo que as várias vertentes em que [os estudos sobre o romanceiro nos Açores] se desenvolveram assumiram frequentemente um pioneirismo destacado no contexto português e, muitas vezes, peninsular [...] [e que,] em vários momentos, os seus autores e

⁹ Teófilo Braga e o *Romanceiro de Tradição Oral Moderna Portuguesa. Questões de história e teorização*, tese de doutoramento, Lisboa, F. C. S. H., Universidade Nova de Lisboa, 2000.

¹⁰ Refiro-me ao capítulo 1 da II parte, pp. 131-202.

¹¹ Ver pp. 184-192.

¹² Ver pp. 185-189, onde a autora enuncia as 64 passagens das notas do *Romanceiro Geral Português* (III vol.) que, com persistência de detective, ela conseguiu descobrir terem sido transcritas de obras anteriores. Esta importante descoberta é um dos vários aspectos que amplamente justificam que a tese de Teresa Araújo seja publicada em volume ou que, se tal for impossível, dela se extraiam alguns artigos. Desde já (se me é permitido puxar a brasa à minha sardinha) apresento a candidatura da revista *Estudos de Literatura Oral* como lugar onde pelo menos um desses artigos seja publicado.

acervos converteram-se em paradigmas da própria investigação do género medieval que se perpetua pela tradição oral moderna (p. 142).